

RUBEM
BRAGA

CM 16.4.55
Ar. de li

Lembrança de uma casa chilena

ESTOU arrumando um novo livro de crônicas, e para isso releio coisas que escrevi nestes últimos cinco anos. Aqui encontro a lembrança da casa em que vivi alguns meses em Santiago do Chile.

Peço a um amigo que me ajude neste transe melancólico: aluguei uma casa mobiliada, e o velho casal de proprietários faz uma lista de seus trechos para eu conferir. A lista é minuciosa; são mil grandes e pequenas coisas, duas marquêsas, um quadro a carvão representando São Francisco de Assis (mas o desenho é ruim e o santo está gordo), uma horrível, incomodíssima cômoda de metal, dois **choapinos**, um espelho quadrado que agora será visitado pela minha cara, e talvez, por hábito, me faça meio parecido com esse velho chileno que sofre do coração.

Ah, sim, o piano. O velho quer levar o antigo piano alemão; resisto; quero o piano; não sei tocar, mas me agrada ter em casa um piano; não seria possível deixar o piano? Os velhos se consultam; sim, ficará o piano. Em compensação há essa absurda mesa de pôquer que eles insistem em deixar, enorme, horrível, esses quadros a óleo detestáveis que eles elogiam tanto e que eu meterei todos dentro de um armário, um tinteiro de cobre, uma estatueta japonesa, coisas antigas como um **violetero** onde jamais colocarei violetas, um **licoreiro** que nunca verá licor, um **paraguero** que sonha com os guarda-chuvas d'antanho, e essa feia **mesita ratona**, e essas coisas inúteis de metal e cristal, o relógio de cuco com o passarinho sempre cantando errado, pobre passarinho extraviado do tempo...

A lista é terrivelmente minuciosa; eu terei de apresentar, ao sair desta casa, tantos ganchos de

pendurar roupa e tantos cinzeirinhos de cobre; e já que insisto pelo piano, tenho de me conformar com a presença de um enorme e sinistro **mueble musiquero** onde se guardam velhos tangos e valsas.

Meu amigo confere as coisas, de lista na mão, e a velha vai repetindo os nomes e apontando os objetos, numa ladainha interminável; bocejo no meio de meu reino desordenado e precário; uma a uma, terei de entregar, um dia, todas essas coisas, de volta, a esses velhos; e para eles são coisas de certo modo sagradas, com o longo contato de seus olhos e suas mãos, coisas de sua vida, que incorporaram minutos e anos, lembranças, palavras emoções. Bocejo, depois fumo; nego-me a examinar, como eles gostariam, o detalhe de cada coisa, e minha indiferença parece que vagamente os ofende. Creio que sentem no fundo da alma um ódio deste estranho que vai morar em sua casa, com suas coisas; sou um intruso, o mais antipático dos intrusos, o intruso que paga o direito de ser intruso. E então eles ficam mais minuciosos, gastam meia hora para acrescentar na lista algumas coisinhas sem importância, são avaros do que me alugam...

Partem. Chego à janela, vejo-os que fecham com todo o cuidado o portão. E sorrio. Esses velhos são uns insensatos. Arrolaram centenas de cacarecos inúteis e se esqueceram do mais importante, do que me atraiu a esta casa, dos bens sem preço que um vândalo poderia destruir e, entretanto, não estão no inventário; daqueles bens que, se sumissem, fariam esses dois velhos desfalecer de espanto e dor; o que eles não compraram com dinheiro, mas com o longo amor, o longo, cotidiano carinho: as árvores altas, belas, ainda úmidas da chuva da noite, brilhando, muito verdes, ao sol.